

HISTÓRIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO UNIVERSITÁRIO: O CASO DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA USP

SOUZA APARECIDA DIAS DE FREITAS, K. (1); MATE HANNA, C. (2) y PORTO ALVES, P. (3)

(1) Departamento de Química Fundamental. quimikarina@usp.br

(2) Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo - USP. hannamat@usp.br

(3) Instituto de Química - Universidade de São Paulo - USP. palporto@iq.usp.br

Resumen

Ainda que possuam importância reconhecida, os livros didáticos (LDs) voltados ao ensino universitário raramente constituem objeto de pesquisa. Nesse contexto, propõe-se investigar qual foi e qual é o papel dos LDs na formação profissional em Química, e que lugar eles vêm ocupando na dinâmica das salas de aula, tomando como *locus* de pesquisa uma importante universidade pública brasileira. Foram entrevistados, considerando fundamentos da história oral, seis professores, cujas formação e atuação docente ocorreu em diferentes períodos da história da instituição. Os depoimentos sobre o papel do LD em suas vidas acadêmicas como alunos e docentes permitiram observar diferentes tendências - desde o período em que o ensino de química permaneceu centrado na figura do professor até a recente opção pela adoção de um único LD como guia para o desenvolvimento de uma disciplina.

OBJETIVO

Apesar de sua reconhecida importância, as obras didáticas voltadas ao ensino universitário[1] raramente constituem objeto de pesquisa. Propõe-se investigar qual foi e qual é o papel dos livros didáticos (LDs) durante a formação profissional em Química, e que lugar eles vêm ocupando na dinâmica das salas de aula

universitárias, tomando como *locus* de pesquisa uma importante universidade pública brasileira.

MARCO TEÓRICO

Independente do nível de ensino, a influência dos LD não se dá apenas no âmbito da construção individual do conhecimento, mas também como importante influenciador curricular, pois "*não é raro que esse instrumento exerça um efeito poderoso sobre os enfoques docentes e sobre as estratégias de aprendizagem dos alunos*" (Campanario, 2001). Nesse contexto, eles são convertidos, em maior ou menor grau, em referenciais diretos para conteúdos abordados, exemplos utilizados, atividades desenvolvidas e problemas propostos. Daí a importância de serem analisadas as propostas editoriais em suas diferentes dimensões.

A maioria das produções acadêmicas relativas aos LDs vêm se preocupando, pertinentemente, com aspectos relativos ao próprio livro e ao seu conteúdo. Seguindo direção igualmente importante, produções mais recentes têm evidenciado diversificação de temas e fontes de pesquisa, abrangendo outros aspectos relativos ao LD como sua concepção, produção, uso, relações com políticas públicas, entre outros (Fernandes, 2004). Em meio a essas inovações os LDs universitários permanecem marginais, constituindo, por esse motivo, foco de interesse desse trabalho.

Metodologia

Ainda que documentos como planos de ensino e relatórios de aula possam atuar como indicadores do uso dos LDs, a compreensão de seu papel histórico será tanto maior quanto maior for a aproximação com aqueles que efetivamente deles fizeram uso, seja como professores ou como estudantes. Nessa perspectiva, as fontes orais, exploradas através da realização de entrevistas, possibilitam o contato com diferentes sujeitos, com distintas vivências e percepções de mundo (Thompson, 1992), e constituem metodologia pertinente para a busca dos objetivos propostos.

Foram entrevistados seis docentes do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (IQ-USP). A escolha dos depoentes deu-se segundo dois interesses principais: a obtenção de depoimentos de indivíduos que viveram sua formação profissional e lecionaram em diferentes épocas, e a atuação como docente em disciplinas de *Química Geral*, em razão de sua grande importância e caráter formador. Com o objetivo de situar os professores entrevistados em seu contexto de formação e atuação profissional, segue breve apresentação de cada um deles.

-

Professor 1: Um dos primeiros químicos e primeiros doutores formados pela USP, assumiu o cargo de Assistente Adjunto no final da década de 1930, alcançou o cargo de Professor Catedrático na década de 50. Atuou como docente até a década de 80.

-

Professor 2: Graduou-se e doutorou-se pela USP nos anos 40. Atuou como professora assistente a partir da década de 50, alcançando o cargo de Catedrática no início da década seguinte.

-

Professor 3: Graduado na mesma instituição no final dos anos 40, ingressou como Professor Assistente Doutor na década seguinte. Durante a graduação, foi aluno dos Professores 1 e 2.

-

Professor 4: Graduou-se em Química pela USP no início dos anos 70, onde obteve os títulos de doutor e livre docente. Sua atuação docente iniciou-se na década de 70, quando foi contratado como Professor Assistente. Durante a graduação, foi aluno dos Professores 1, 2 e 3.

-

Professor 5: Também graduada nos anos 60 pela USP, doutorou-se na mesma instituição na década de 70. Foi contratada como docente após trabalhar por dois anos como Auxiliar de Ensino. Durante a graduação, foi aluna dos Professores 1, 2 e 3.

-

Professor 6: Graduado em química pela Universidade Estadual de Campinas no final da década de 80, doutorou-se em meados de 90 também na Unicamp. Atuou por mais de um ano como pesquisador em uma universidade norte-americana e como professor visitante em uma universidade federal brasileira, sendo contratado como Professor Doutor no IQ-USP no início dos anos 2000.

As entrevistas foram realizadas nas respectivas salas de trabalho dos docentes, em horários escolhidos por eles. Aos professores foi solicitado que discorressem sobre o papel do LD em sua vida acadêmica como estudante e como docente, remetendo suas memórias, sempre que possível, à disciplina de *Química Geral* ou equivalente. Os depoimentos foram gravados em áudio digital, mediante autorização dos entrevistados, para posterior transcrição e análise.

Resultados e conclusões

Os depoimentos das diferentes gerações de professores permitiram observar algumas tendências em sua relação com os LDs. Nos anos que seguiram a fundação da USP e a criação do Departamento de Química (1934), o ensino de química permaneceu centrado na figura do professor, prática devida a vários fatores como a relatada excelência das aulas e a não existência de textos especializados em português. Essa situação predominou também entre os primeiros docentes formados na própria USP, cujos alunos prosseguiram a prática de centrar seus estudos em anotações de aulas.

Um momento que parece ter sido marcante em relação ao uso dos LDs foi a reforma universitária no início dos anos 70, com a reorganização dos antigos departamentos, a criação do IQ e a expansão do número de vagas nos cursos de graduação. Nessa época, já estavam disponíveis LDs universitários em língua portuguesa, e seu uso passou a ser mais fortemente incentivado. De um modo geral, diferentes professores tinham (e têm) diferentes preferências em relação aos LDs, tendo se tornado prática comum oferecer aos estudantes sugestões a respeito dos diferentes livros disponíveis e deixar ao próprio aluno a liberdade e responsabilidade de escolha.

Especialmente a partir da década de 90, o IQ-USP pôde cada vez mais renovar seu quadro docente com pesquisadores formados em outras instituições brasileiras, graças à expansão da pesquisa em química em outras universidades, e à institucionalização da pós-graduação no Brasil. Dessa forma, outros modos de pensar o ensino de química foram cada vez mais se fortalecendo no IQ-USP. Além disso, outro fator apontado pelos docentes é a mudança do perfil dos ingressantes na graduação – que trariam menos conhecimentos de química de seus estudos no ensino médio, e que teriam menos autonomia para gerenciar seus próprios estudos. Diante desse quadro, conforme depoimento do Professor 6, os docentes responsáveis pelo ensino de *Química Geral* nos cursos noturnos de graduação em química decidiram, pela primeira vez, indicar um único LD para seus alunos, a partir de 2009, experiência que, em nosso entender, representa importante mudança no uso dos LDs nessa instituição.

Apesar da mencionada inegável influência exercida pelos LDs nas salas de aula de diferentes níveis de ensino, é necessário afastar a pretensão de que os livros sejam os únicos responsáveis pela maior ou menor qualidade dos processos educativos. Um problema instala-se, porém, quando ao LD atribui-se significado de corpo de conhecimento canonizado, inquestionável e irrevogável, tendência perigosa, pois leva à “(...) *naturalização do uso do livro didático pelo professor (e, conseqüentemente, pelos alunos), que parece nem sequer perceber a limitação de sua própria liberdade*” (Coracini, 1999, p.37).

Nesse contexto, outras questões poderiam ser investigadas. Ainda que considerada a relativa objetividade da ciência química, será possível afirmar que todas as obras destinadas a seu ensino são equivalentes? Quais seriam as conseqüências da “adoção” de um manual para o desenvolvimento de um curso universitário introdutório de química? Ainda que sejam ponderadas as limitações do uso de um livro único e oferecidas listas bibliográficas, qual será a postura dos estudantes frente a essa situação?

Essas e outras questões permanecem a espera de investigação mais profunda.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, R.; BITTENCOURT, C. M. F. (2006) Higiene e saúde nos livros didáticos do professor Felisberto de Carvalho. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

CAMPANARIO, J. M. (2001) ¿Qué puede hacer un profesor como tú o un alumno como el tuyo con un libro de texto como éste? Una relación de actividades poco convencionales. *Enseñanza de las Ciencias*, 19(3), pp. 351-364.

CORACINI, M. J. *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999.

FERNANDES, A. T. C. (2004). Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. *Educação e Pesquisa*, 30(3), pp. 531-545.

THOMPSON, P. (1992) *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

[1]Apesar da pouco freqüente utilização do termo *LD* no âmbito universitário, os comumente denominados “livros texto” podem ser enquadrados na referida categoria se considerarmos que “*Livros escolares (ou LDs) são todas as obras cuja intenção original é explicitamente voltada para uso pedagógico e esta intenção é manifestada pelo autor ou editor*” (*Guia LIVRES, 2005, p.7 in Bezerra e Bittencourt, 2006, p. 3092*).

CITACIÓN

SOUZA, K.; MATE, C. y PORTO, P. (2009). História do uso do livro didático universitário: o caso do instituto de química da usp. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 1337-1341
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-1337-1341.pdf>